

MENINA VESTIDA COM ROUPA-CAIXA DE PAPELÃO

Keyla Carolina Perim Vale

Ver era um medo de ir embora ou olhar para sempre.

(Homens imprudentemente poéticos, Valter Hugo Mãe, 2016)



Menina pequena, mas grande o suficiente para segurar uma caixa de papelão maior que ela! Era sexta, só uma família: uma mulher e duas meninas – uma no chão, outra no colo e talvez uma no ventre, por que não?! Eu passava e elas seguiam: pela rua e na avenida. Papel torto, desengonçado e sem cabimento... a garota passa, quase finge que não vê e volta! Ela olha de perto e logo toca... toca e veste... enfia-se dentro do papelão como se veste uma roupa, de cima para baixo: sem botão, sem arremate, sem *ajour!* A roupa-caixa agora está encaixada e a menina anda-dança... Não enxerga, onde está? Sua mãe arrasta o carrinho de trecos que não valem pagamento, trecos recolhidos na avenida, no chão da rua, na calçada da vida!

A menina fica para trás, tentando se ajeitar na roupa-caixa... e deu vontade de gritar: “Ei, a menina está ali!”... Só eu enxerguei? Também, que diferença tem? Fui passando e olhando para trás, e olhando... E a menina vestida, só ela estava realmente vestida. Correu: olhando por cima da roupa-caixa vestida, com o papelão quase aberto, escorrido; tropeçando sobre os pés de chinelo sujo, o papelão esquecido no monte, descabido... Corre! Corre! Senão você fica... presa na rua e perdida na avenida. Até onde olhei, por cada fresta de carro e correria de gente, enxerguei a menina vestida. Queria um papelão assim...

Pareceu que a chuva iria voltar, mas não voltou... nem a menina! Onde está? O que é? Guarda meu guarda-chuva e meus papéis, pois até este instante eu não sei o que é vestir uma roupa-caixa de papelão... Guardo-me

com as palavras e a menina brinca com suas vestes: óleo que mancha, água que escorre, bracinho que alcança! Volta, menina! Não apareceu ninguém aqui... Fico esperando para te ver de novo na rua, na avenida: solta, livre, vestida!

(...)

A menina, também menino e também adulto, levou a roupa-caixa de papelão para a vida... correu sempre para alcançar o hiato do tempo e do espaço dos passos... A caixa se transformou na pele que, aquecida e marcada, fez o registro do desejo de ir, de ter passado por aqui e de ter esquecido o pagamento. Pode seguir... e eu? Eu ficarei aqui: lembrando da caixa, da dança, da dor e do risco de quase ficar para trás e de correr, correr... Até! A gente se vê na sexta... Você traz o seu papelão-pele, me apresenta o seu sonho e eu, sem te conhecer no dentro/fora, guardo a sua estória no canto-seu de meu lugar, de minha vida!



Keyla Carolina Perim Vale é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.